

A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 12 DE NOVEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III—A. 150

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

SUMMARIO

Expediente.....	
«A Semana».....	A DIRECÇÃO.
Naturalismo e pessimismo.....	ARARIPEJOR.
Nivãna, poesia.....	ATASIUS NOLL.
Estudos da Litteratura Brasileira.....	SYLVIO ROMERO.
Em confissão, soneto.....	O. SILVA.
Martyres poesia.....	A. FURTADO.
A viola.....	J. M. SILVA.
O Brejo della, soneto.....	BELCAR.
J. Dias da Rocha.....	A. FURTADO.
De volta, poesia.....	J. RICHTER.
This is love.....	A. MOJAT.
Um homem sério, soneto	GUIL. MAR.
Àe calir da tarde.....	S. JUNIOR.
Morte, soneto.....	CARLOS LUIZ.
Diversas publicações.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE E NICHEROY	
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão:
— as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atraso a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

A SEMANA

Rio, 12 de Novembro de 1887.

Proferidas as palavras de despedida do ex-director e principal redactor desta gazeta, Sr. Dr. Valentim Magalhães, torna-se indispensavel que nós, os seus successores, inteiremos o publico dos intuitos com que assumimos a grave responsabilidade de continuar a dirigir os destinos da *Semana*, tão galhardamente mantida por seu illustre fundador durante o periodo de quasi tres annos. E' o que vamos fazer em poucas palavras.

Não foi a vaidade de ligar os nossos nomes a uma empresa jornalística, nem tão pouco a sede pecuniaria que nos trouxeram a este posto honroso, é certo, mas que nos offerece a triste e desanimadora perspectiva de uma estrada, cujo termo escapa á extensão do nosso raio visual.

Felizmente não havemos mister de longo esforço de considerações para convencer os leitores de que semelhantes moveis não pôdem entre nós determinar a organização de empresas como esta. Já não ha quem ignore que taes empresas não são as mais alentadas pelo bafejo da felicidade, e que em nossa terra vive-se de *lettras*, mas só de *lettras de cambio*.

Por outro lado, é preciso reconhecer que todos temos a nossa *mania*, o nosso ponto de vista particular de encerrar e cumprir o dever de contribuir com certa somma de sacrificios para o engrandecimento e prosperidade da patria.

Emquanto uns luctam pela vida politica, commercial ou industrial do paiz, luctam outros pela sua vida intellectual pelo progresso de suas letras. A estes nos associamos nós.

E, porque não se comprehende a lucta sem os necessarios meios, sem o theatro de acção ou campo de operações, julgamos prestar valioso serviço aos nossos concidadãos, preparando-lhes e conservando terreno onde passam manejarem as armas.

Dahi a aquisição que acabamos de fazer da *Semana*, com o decidido proposito de consagrar suas columnas ao exclusivo serviço dos artistas da penna, abrindo assim um valvula a todos as expansões litterarias.

Todos reconhecemos que a ausencia de um organo destinado á publicação e vulgarização dos trabalhos de quantos podem bem produzir, tem concorrido não sómente para anesquinhar a nossa vida intellectual, mas ainda para que muitos talentos cultos se conservem retrahidos e condemnados ao isolamento do *platonismo litterario*. E como não ser assim, se a produção suppe o consumo, e este reclama o conhecimento do producto?!

Procuramos obviar este inconveniente, e a *Semana* aqui se acha para acolher de braços abertos e coração rejubilado todos os trabalhos com que pretendam honral-a.

Velhos e moços; representes da antiga ou da nova geração; sectarios do romantismo ou do naturalismo: espiritalistas, materialistas, positivistas ou criticistas todos terão cabida em seu seio, cortos de que a sua liberdade terá apenas os seguintes limites: abstenção completa do que concerne á politica e administração do paiz; ausencia de polemica e ataques pessoais; e as disposições do nosso Codigo Criminal.

A DIRECÇÃO

Naturalismo e Pessimismo

(Continuação)

E' inutil desviar as manifestações do seculo da linha que a natureza lhes assignalou, fazendo surgir a concepção evolucionista.

O pessimismo scientifico e especulativo, como bem affirma J. Sully, é uma doutrina inverificavel, e, sob muitos aspectos, evidentemente inexacta. Todo o esforço empregado em provar a miserabilidade sempre crescente da vida humana, não passará, para quem reflecte calmamente, de uma theoria erronea, a todo instante refutada pelos factos, ora naquillo que A. Bain chama o *prazer do andamento* (seguinte da velocidade), ora no que George Eliot denomina *meliorismo*, « concepção practica que se encontra como meio termo entre os extremos do pessimismo e do optimismo, como resultante de um sentimento universal no poder da humanidade de diminuir o mal e augmentar a somma do bem positivo. » (1)

Quando outros argumentos não existissem para refutar aquella theoria e a sua consequente influencia na arte moderna, bastaria attender a um facto bem patente, — á força que anima as obras da escola naturalista, que verdadeiramente merecem este nome. Não ha quem ja não tenha observado que taes composições caracterizam-se por uma *intensidade* consideravel, devida tanto a coordenação solidamente complexa das idéas, como á estrutura condensada do estylo. Ora, examinando-se essas obras e esse estylo, não é difficil chegar a demonstração de que, se porventura o pessimismo fosse a alma do naturalismo, ou o naturalismo não existiria, ou as suas manifestações teriam outro as-

(1) A. Bain—*Les émotions et la volonté*, 140. J. Sully, *Pessimisme* 3:8

pecto. A razão é intuitiva.— quem diz pessimismo, diz diffusão do osforço, decomposição, aniquillamento; intensidade significa concentração de forças, superabundancia de vida; e é forçoso reconhecer que entre os dois estados existe a mais completa incompatibilidade.

As manifestações pessimistas, pois, a que allude Ramalho Ortigão, observadas em diversos escriptores da actualidade, quando não são productos de um estado pathologico evidente, constituem uma prova mais de que esse alardeado pessimismo limita-se a ligeiras superfetações, que como taes não tiveram força bastante para abafar as influencias geraes, resistindo á reacção scienciafica. Com effeito, não era possivel que a litteratura, nascida desse contacto, deixasse de caracterizar-se, no fundo, por uma grande segurança e energia.

O que tem escapado a muitos criticos é o profundo trabalho da selecção litteraria que se está operando, de algum tempo a esta parte, no seio das litteraturas occidentaes. A produção das grandes obras artisticas está hoje dependente de um jogo enorme de faculdades e de um processo tão complexo quanto se pôde imaginar pela multiplicidade das exigencias de um publico, cujas faculdades se tem aperfeiçoado em todos os sentidos. Nesse concurso esmagador ha uma alluvião sempre crescente de tentativas votadas á morte, e que abortam por incapacidade de adaptação. Só os verdadeiramente fortes, aquellos que já surgem apparelhados para luctar com a complexidade da arte moderna, só estes conseguem triumphar, envergando a grande armadura do seculo. Mas, porque o chão permanece coberto de destroços, não se segue que, pelas enfermidades e aleijões das victimas, deva a critica determinar as tendencias da arte naturalista.

Sob este ponto de vista não resta duvida que o estylo moderno, o estylo dos fortes, como producto legitimo da evolução e feltura organica, não tolera nem as vacillações do pessimismo, nem as obscuridades de uma arte que não conhece o seu caminho. Acompanhando a marcha universal, a arte de exprimir o pensamento por meio da palavra vai tambem passando de um estado homogeneo para um estado heterogeneo. Quanto mais progredim nas litteraturas, tanto mais se differencia esse apparelho com que os artistas transmitem as suas proprias impressões. No discurso, do mesmo modo que em um systema cosmico, tudo gravita para um centro commum, tudo se condensa, tudo evolue de integração em integração. Espelho do pensamento, quantendo um perfeito equilibrio organico, desde a interjeição holophrastica do homem primitivo até á pagina de um prosador do seculo XIX, a palavra obedece a leis inilludiveis. Esse equilibrio organico deu e dar-se-á

sempre em virtude de um processo de subordinação, e desenvolve-se por uma lei, já verificada em linguística, a do menor esforço, pois que o movimento se propaga pela linha de menor resistência.

As idéas, e as imagens crescem no espirito, formando de continuo circulos concentricos, começando por pontos indistinctos que se vão alargando gradualmente, que proliferam e succedem-se em uma ordem logica, na proporção da amplitude do registro cerebral. Quando o homem é obrigado a externar por meio de proposições esses movimentos circulares e concentricos, de methodical-os em uma successão bem diversa da que se opera internamente; o phenomeno procura reproduzir-se no cerebro alheio, mas só o effectua depois de atravessar essa linha de successão.

E' ás regras constitutivas desse methodo que a grammatica dá o nome de syntaxe. Cada proposição encorpora um daqueles circulos concentricos, e da sua justa collocação no seguimento periodal depende a revivescencia integral do grupo no espirito daquelle a quem dirige o emissor.

Para melhor intelligencia desse facto é preciso lembrar que o grupo assim desenvolvido em linhas successivas não é outra cousa mais do que a representação de um estado de consciencia completo, pois que toda a proposição, por mais completa que pareça, não supporta mais de um desses estados. (2) As leis do estylo, portanto, não são senão as da syntaxe estudadas em um ponto de differenciação da linguagem muito elevada, quando esta, apartando-se da simples adjectivação dos factos da vida commun, prolonga-se na tentativa de uma expressão complementar das relações que escapam á attenção ordinaria. Se é certo que a syntaxe reside no conhecimento das leis relativas no modo por que habitualmente um povo coordena as suas idéas, não é menos verdade que é desse nucleo que sahem todas as manifestações particulares do pensamento, cabendo a estylistica estudar apenas as divergencias que as individualidades litterarias apresentam na produção de sua actividade artistica. Do mesmo modo que o povo fixa no discurso e transmite illimitadamente as suas impressões por meio de certas reacções periodaes, o individuo com o auxilio de suas combinações e reacções particulares, que muitas vezes escapam á analyse, consegue infundir em seus periodos um tom, um colorido distincto. Seja, porém, como for, esse *quid* não passa de uma particularização dos processos de transmissão observados na syntaxe geral; e a sua explicação só pode ser encontrada no exame das multiplas e complexas reacções a que cada escriptor chegou pelo instincto e pela pressão do ambiente em que viveu. Cada palavra tem uma significação propria como um algarismo; esse valor irreductivel, entretanto, ella o perde, desde que toma posição no discurso, e inflexiona-se ao infinito, subordinando-se de continuo ao accento syntactico, que preside a estrutura da phrase. Produzindo variadas effects, conforme estiver isolada, juxtaposta, ou associada, no conflicto geral com os outros vocabulos que concorrem na composição, ella influe em todas as direcções,

(2) Cf. St. Mill, *Systeme de logique*, l. 80. Henry Weil, *Ordre des mots*. 16, 19, 21. A. Darmsteter, *The life of words* na parte em que o autor analisa o que elle chama sociedade das palavras, *society of words*.

provocando a revivescencia das associações que a determinaram, operando de unidade a unidade, do proposição a proposição, de periodo a periodo.

As modificações cerebraes de quem ouve ou lê estão desta maneira em essencia ligadas á predisposição anteriormente criada pelo agrupamento de vocabulos a que outro succede. Na expressão exterior do pensamento existem assim dois elementos que não deverão nunca ser esquecidos — o vocabulo, notação rudimentar e directa da idéa, e o vocabulo — supporte da inflexão do pensamento, dependente das reacções psychicas que resultam da aproximação de determinados factores. A' vista disto, quanto mais complexa for a idéação, tanto mais cerradas devem ser as operações descriptas, tanto mais intensa a expressão.

E' intuitiva, portanto, a grande economia de esforço que não é necessaria para realizar a transmissão de concepções complexas por meio deapparelhos tão complicados e de tão difficil manejo. Pois bem, é nessa economia que resi le toda a força do estylo naturalista.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa)

A Philosophia ensina-nos a arte de contemplar com tranquillidade a desgraça alheia.

LA ROCHEFOUCAULD,

NIRVANA

E pois que o teu olhar
Senhor, não vem, não desce
e como um sol brilhante não aquece
a alma, em gelos de duvida, a hesitar;

pois que é baldado e vão
tudo o que a mente aspira
e sentimos apenas a mentira
ao cabo da mais lúcida illusão;

pois que não vemos deus
que nossa rota aclare
e nas sendas da vida nos ampare
e nos levante os olhos para os céus;

pois que sossobra o Bem,
como um baixel perdido,
e nas vagas da Dór o homem cahido
nem um gozo siquor, luctando, tem;

pois que o Bello se esvae
— sonho brilhante e puro —
e das auroras negras do Futuro
outro brilho chimerico não sae;

pois que a verdade até
— unica luz restante —
tambem treme e vacilla agonizante,
entre os escombros do porvir, em pé,

que se extinga afinal
a vida derradeira!

e role e cáia a Natureza inteira
num anniquilamento universal!

ATASIUS NOLL.

Estudos de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO)

(Continuação)

Não seja só a essa parte do elemento estrangeiro, os portuguezes, que se augmente a enorme influencia que já desfructa, seja a toda a grande massa de estrangeiros que vivem neste paiz sem se assimilarem a elle, pelos erros de uma propaganda de colonização mal dirigida; seja a todos outorgada a influencia e o mando definitivos.

Que aconteceria?

A navegação de longo curso é estrangeira, a de cabotagem desfarçadamente estrangeira, o commercio de grosso e pequeno trato estrangeiro; si invadissem a lavoura e as grandes e pequenas industrias e tomassem conta do resto de fontes economicas, que ainda pertencem aos *nacionais*, e alcançassem a direcção suprema, seria preciso que algum surgisse neste paiz, pregasse a reacção e restabelecesse o equilibrio.

Que vamos concluir de tudo isto?

A conclusão está por si mesma tirada.

Quatro seculos foram sufficientes para crear neste paiz uma população exclusivamente nacional, que se distingue já perfeitamente dos factores que a formaram, população que se vai cada vez mais integrando á parte e tendendo a rejeitar as influencias estranhas. Logo no fim de dois seculos o indio tinha dado quasi tudo que podia dar e começou a ser considerado como força morta; ao cabo de tres seculos comprehendeu-se que o portugez era já um obstaculo e separamos-nos delle, que ainda abusa muito, é certo, porém não é mais o senhor absoluto.

Chegamos agora ao ponto de dispensar o concurso do negro; já lhe vedamos as entradas, com a extincção do trafico, e já não contamos só com elle para o trabalho; estamos com a escravidão acabada, podemos deixal-o do lado.

O significado historico desses factos é que os tres elementos primitivos da população já deram, como elementos separados, o que tinham de dar; o povo brasileiro deve-se considerar em essencia constituído, e a esforços de trabalho, energia, bom senso e perseverança, adquirir o seu logar na historia e na politica do mundo.

Si, emtanto, acha que não tem ainda forças bastantes para as grandes luctas do progresso, si ainda precisa do auxilio de braços e intelligencias de estranhos, dirija a inoculação dos elementos immigratorios e colonias — com tino e criterio. Não entregue provincias inteiras aos immigrants; espalhe-os por todo o paiz, e assimille-os.

Esta é que é a idéa patrioca, ensinada pela historia de nossa propria patria, sobre a colonização. Não os planos, filhos do interesse pessoal de certo espiritos acanhados e prejudiciaes. Não cesse de combater idéas que julgo nocivas ao progresso e a unidade do povo brasileiro. Felizmente, não se têm realizado os planos daquelles na medida dos seus desejos. Ojinconsciente da historia tem vindo em parte em nosso auxilio.

Já não é gente de uma só procedencia que nos está invadindo as provincias do sul. Italianos, polacos e allemães

fazem-se mutua concurrencia; rivalizados entre si, não terão talvez tempo nem força para apagar os nacionaes. O resultado final ha de ser, segundo espero, em favor do povo brasileiro.

Além disto, parece que se acabará por cuidar tambem da colonização do norte sem desequilibrio para nós, sem que o brasileiro do futuro seja inteiramente diverso pelo sangue do actual.

Em um paiz como o nosso, ainda novo, sem tradições bem formadas, sem cohesão social bem compacta, nunca é demais insistir sobre o seu caracter popular e historico.

Ainda mais é isto indispensavel tratando-se de um poeta, como Gonçalves Dias, um genuino brasileiro, um mestiço moral, que será ainda por muitos seculos uma das mais authenticas manifestações da alma deste povo.

Uma critica mesquinha e incorrecta espalhou por abi ter sido o poeta maranhense um exagerado cantor de indios, não se occupando de mais nada. Não pode haver maior injustiça.

A verdade é que o poeta evidentemente sem plano escolastico, espontaneamente e sem impulsos doutrinaes, deixou-se influenciar pela vida dos selvagens, como em *Y-Juca-Pirama* e n'outras composições; pelas tradições portuguezas, como nas *Sextilhas de Frei Antão* e em *Leonor de Mendonça*; pelos soffrimentos dos captivos pretos como na *Escrava* e na *Meditação*.

A vida e os sentimentos, as phantasias dos mestiços, dos brasileiros propriamente ditos, não são esquecidos. Bem pelo contrario, — *Marabú*, a *Mãe d'Agua*, e vinte outras, o atestam. Um talento, como o de Gonçalves Dias, não podia ficar na poesia pura e exclusivamente indiana, e de facto não ficou. A poesia pessoal e subjectiva, a poesia exterior e descriptiva, além de todas aquellas notas acima indicadas, inebriaram a alma do sonhador brasileiro. E' preciso que a critica myope do Brazil corrija os seus errados juizos.

O mesmo se deu com Alencar, que tratou dos indios puros no *Ubirajára*, do indio em contacto com os colonizadores em *Iracema* e *Guarany*, da vida colonial nas *Minas de Prata*, da vida dos sertões do norte no *Sertanejo*, da vida das fazendas do sul em *Til* e no *Tronco do Ipé*, da vida elegante do Rio de Janeiro em *Senhora*, *Luciola*, *Divã*, *Sonhos de Ouro*, de nosso viver burguez no *Demônio Familiar*. Isto para só lembrar suas principaes obras.

Teria sido uma lacuna imperdoavel, si esses dois grandes agitadores da litteratura brasileira tivessem olvidado os indios; teria sido censuravel curteza de vistas, si nos quizessem perpetuamente molestar com elles. Tiveram o bom senso de se conservar no justo meio termo.

Eu bem sei que bouve ahi uma hora de desvaimento em que se quiz pregar como verdade absoluta só ser brasileira a produção que cheirasse a caboclos. Contra taes exaggeros protestei sempre desde 1870.

I A chamada poesia indiana é uma poesia biforme, que nem é brasileira, nem indigena. A raça selvagem, com todos os encantos e allucinações do bomeo criança, virgem e travessamente agradável, com todos os apparentes effluvios de poesia immensa, é hoje vulto mudo a esvair-se no centro de nossa vida, no marulho de nossa civilização. Não quiz ou não pôde sentir as agitações de um outro viver, escutar os ruidos de outras formas de anceios,

de liberdade, de crenças, de luctas, que a turba, ás vezes tyrannica dos conquistadores, lhe quiz fazer entender. A raça selvagem está morta; nós não temos nada mais a temer ou a esperar d'ella. O colono europeu não teve que dar grandes batalhas a um inimigo t.naz; teve que presenciar o desfilar triste e compungidor da multidão selvaticamente boa e symphthica dos adoradores de Tupan.

Todos conhecem os poucos casos de resistencia da parte do indio, todos se lembram da retirada de Japy-Assú á frente das tribus do interior, que só pararam, diz a lenda, diante do Amazonas, força bastante valente para as fazer suster.

O espectáculo é triste. Aquelle povo não tinha o sentimento profundo e apaixonado da patria; não palpitava nelle ao menos o valor de heróes, que inspirára uma pagina brilhante da historia da Grecia, a dignidade de fugir combatendo, que nobilitou a retirada dos Dez Mil.

Ainda hoje foge diante da civilização. Como que uma lei desconhecida o repelle para longe de nossas instituições; parece que *Anhangá* horripou sobre elle todas as lagrimas da desgraça.

O indio não representa, entre nós, por exemplo, o que em França significava o velho fundo de população *gallo-romana*, o terceiro estado, o povo que fez a *Revolução*. Embalde se procurará um serio e profundo principio social e civil deixado por elle. Em muito pouco modifíca o genio, o character dos conquistadores.

A razão está, me parece, nesta lei historica da conquista da America tanto mais civilizada era a população indigena, quanto resistia e deixava vestígios. A inversa é verdadeira. As dominações dos imperios adiantados do Mexico e do Perú e a do selvatico Brazil a confirmam.

Um povo que fugiu difficilmente poderia deixar impressos no vultu do que lhe occupou o logar os seus toques, ainda os mais decisivos. O indio não é o brasileiro. O que este sente, o que busca, o que espera, o que crê, não é o que sentia, procurava, ou cria aquelle. São, pois, o genio, a força primaria do brasileiro e não os do genio que devem constituir a poesia, a litteratura nacional.

O indio não deixou uma historia por onde procurassemos reviver sua physionomia perdida. Não pôde dar-nos, por exemplo, o romance historico ou o romance de costumes propriamente taes. Não conhecemos sua vida intima. E que no fundo não revelado sobre elle quantos o têm estudado nos seus romances e nos seus poemas? O que tem dito se reduz a uma exposição de usanças meramente exteriores, conhecidas desde o seculo XVI, e que todos trajam de um só modo em rigor.

Argumentam com F. Cooper; é um grave equívoco. A gloria do romancista americano provém propriamente de seu estylo vivo e penetrante; não de haver descripto a estatura do selvagem no que, aliás, ficou atraz de Agostinho Thierry, no pensar de Guizot.

Ninguem tomará, certamente, o pinturista historiador francez por um poeta *anglo-sazonio* ou *normando*, por haver brillantemente descripto esses povos ainda em estado de barbaria.

Cooper tambem nada tem de *pelle-vermelha*. Foi, talvez, mais feliz nos seus romances de marinha. Não creou uma litteratura para a sua patria, por

haver fallado de selvagens; Chateaubriand o precedêra, e tão pouco a creára para lá ou para a França. Por seu talento vivaz, o americano imprimiu ao romance historico uma cor mais animada, ainda que mais falsa do que a que lhe dêra Walter-Scott, e mais nada.

Será um dos fundadores da litteratura de seu paiz por outros serviços, não especialmente por fallar de caboclos, que lá acham-se agora reduzidos a diminutissimo numero, e ainda fugindo da civilização, que lhes causa susto.

O senso popular desprezou tal poesia, porque não é a sua, porque não falla das suas esperanças. Os mais vulgares principios da arte a condemnaram tambem. A velha e soberana verdade que a litteratura é a grande arteria, o pulso da sociedade, que soffre de suas agitações, de suas ancias, tambem se lhe oppõe. A escola puramente inqiana está desacreditada; os melhores poetas do paiz andam já desde muito por outro lado.

O pensamento exagerado daquella escola encerra para quem bem attender á estrutura actual da sociedade brasileira, quem reflectir sobre suas leis historicas, alguma cousa que é a negação do genio nacional. Diz-nos em sua pretensão de glorias: — Não tendes um intimo vosso, não podeis achar poesia no vosso propria ser, sois uma estatua morta, sem vida, sem palpitações, que necessita pedir aos homens, perseguidos por parte dos vossos maiores, um enlevo que vos inspire!

E' pungente ..

Para quem assim comprehende as cousas, individualidade de um povo, genio de uma nação é palavra balsa que no *brazileiro* exprime nada, que só no *typy* pôde achar esse *quid ignoto* que elle nos pôde emprestar...

A nacionalidade da poesia brasileira, com tanta azafama procurada aqui e com tanta colera e tão cega e constantemente nega-la em Portugal, só pôde ter uma solução: — acostar-se ao genio, ao verdadeiro espirito popular, como elle sae do complexo de nossas origens ethnicas. E' uma questão de instincto dos povos essa do nacionalismo litterario. Isto vem espontaneamente; as nações têm todas uma força particular que as define e individualiza. Todos sabem qual é ella no inglez, no allemão, no francez... Tambem teremos, si o não temos ainda bem definido, o nosso espirito proprio e original.

O genio deste paiz, ainda vago e indeterminado, um dia, ousado esperal-o, se expandirá aos raios de um forte ideal que o ha de fecundar. Andar, porém, estonteado hoje, como sempre, no empenho de nacionalisar a poesia, a litteratura — parece-me cousa igual á lucta inutil do antigo vidente, do antigo propheta quando buscava furtar-se á acção de Deus que o dominava... O *indicio* nacional ha de apparecer sem que haja necessidade de o procurar adrede; e o poeta é antes de tudo homem e homem de um paiz. Seus sentimentos mais arraigados, as inclinações mais fortes de seu povo hão de forçosamente apparecer.

Applicando as leis de Darwin, á litteratura e ao povo brasileiro, é facil perceber que a raça que ha de vir a triumphar na lucta pela vida, neste paiz, é a raça *branca*. A raça selvagem e a negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutecida pela escravidão, pouco, bem pouco, conseguiram

directamente para si. Os seus proprios recursos volver-se-hão em vantagem dos brancos.

Prova-o o facto do cruzamento em que tendem a predominar o *typo* e a indole do europeu, ajudado pela mescla do sangue selvagem e negro, o que mais habilita a supportar os rigores do nosso clima.

Nas republicas hespanholas o cruzamento mais extenso foi do branco e do indio; entre nós foi do branco e do negro, excepto apenas no alto norte, onde o inverso é a verdade.

O negro, depois do europeu, tem sido o principal factor da nossa vida intellectual, politica, social e economica. Temos para com elle uma grande divida: determinar na historia o quinhão que lhe pertence, por si, e por seus descendentes *mestiços*, maxime por estes ultimos.

Uma cousa é para notar: eu desafio a que me mostrem em toda a historia brasileira de quatro seculos, um so *typo* nacional, mais ou menos notavel, que haja sido negro ou caboclo *puro*.

Camarão e Henrique Dias, de valor bem contestavel, não se acha ainda bem averiguado que hajam sido, um negro e outro caboclo, da mais pura e estreme liubagem. E' provavel que já tivessem sido o resultado do cruzamento das tres raças, ainda que em diminuta escala.

Todos os nossos principaes *typos* têm sangue branco: — são brancos puros, ou desfigurados pelo sangue das outras raças mas sempre têm sangue do branco em qualquer grao.

E' força convir, porém, que o futuro deste paiz so pertencerá ao branco depois de haver elle assignalado os elementos das raças tropicaes a que elle se alhou neste paiz, mistura indispensavel para o habilitar a resistir plenamente ás agruras de nosso clima.

Si houvéra necessidade de fazer applicação rigorosa ao Brazil da theoria das raças, procurando uma que definitivamente nos represente, melhor que Portugal, o nosso paiz offerceria ampla possibilidade para a empreza; porque não fora preciso levantar á altura de uma raça uma simples classe da população, como alli praticou um extravagante com os mosarabes. Entre nós o concurso de tres raças inteiramente distinctas, em todo o rigor da expressão deu-nos uma sub-raça — propriamente brasileira, — o *mestiço*. O elemento mais progressivo tem sido o branco, que vae assimilando o que de necessario á vida lhe pôdem fornecer os outros dois factores.

A historia o prova: ella nos mostra a intelligencia e a actividade mais especialmente residindo no branco puro ou no mestiço quasi branco: e nunca em o indio ou em o negro estremes de qualquer *mistura*.

Mas como o branco inteiramente puro, cousa que se vae tornando cada vez mais rara no paiz, pouco se distinguiria de seu ascendente europeu, é indispensavel convir que o *typo*, a encarnação perfeita do genuino *brazileiro*, como a selecção biologica e historica o tem produzido, está, por em quanto na vasta classe de mestiços de toda a ordem na sua immensa variedade de côres.

Esta grande fusão ainda não está completa, e é por isso que não temos ainda um espirito, um character inteiramente original.

Eu disse que não temos um só homem verdadeiramente notavel em nossa his-

toria de quatro seculos que tenha sido negro ou caboclo puros.

Creio ser a verdade. Camarão e Henrique Dias, repito, si for provado que o foram, o que tenho por duvidoso, o genero de actividade em que se desenvolveram, é daquelles que não requerem grande distincção.

Os nossos homens mais notaveis nas letras e na politica, ou são brancos, como um Gonçalves de Magalhães, ou mais ou menos mesclados, como Gonçalves Dias.

Não se poderá talvez dizer que Gonçalves Dias tivesse mais talento do que Magalhães; mas quem contestará que elle foi mais *brazileiro*, isto é, tinha maior somma de certas qualidades que o separavam do genuino espirito portuguez e o approximavam de um *typo* ainda não bem definido, que será no futuro o verdadeiro *nacional*?

Milha these, pois, é que a victoria na lucta pela vida, entre nós, pertencerá no porvir ao branco; mas que este, para esta mesma victoria, attentas as agruras do clima, tem tido necessidade de aproveitar-se do que de util as outras duas raças lhe tem podido fornecer, maxime á preta, com que tem mais cruzado.

Pela selecção natural, todavia, depois de prestado o auxilio de que necessita, o *typo* branco irá tomando a preponderancia até mostrar-se talvez depurado e bello, como no velho mundo. Será quando já estiver melhor acclimatado no continente.]

Dons factos contribuirão principalmente para tal resultado: — do um lado — a extincção do trafico africano e o desaparecimento constante dos indios, e — de outro, a crescente immigração europeia. Esta, porém, deverá ser bem dirigida, deverá ser bem espalhada, para não ser desequilibrado o paiz, e não desaparecer o elemento portuguez.

A luz de taes idéias, de accordo com as vistas mais profundas da sciencia de hoje, nenhum é o papel reservado ao *indianismo* exclusivo e systematico. » (1)

O leitor comprehenderá a razão de discutir eu, desde logo, tratando de Gonçalves Dias, a questão de indianismo. Foi uma poesia util como um tonico, um abalo necessario imposto aos nervos de nossos burguezes para o arredar da mania das imitações lusas; mas não podia ser exclusivista.

Encaremos ainda mais de perto o nosso auctor.

Gonçalves Dias em sua carreira propriamente de poeta atravessou duas phases, ambas muito curtas, porém ambas bem distinctas — uma da outra. De 1810 a 1815 é a phase de Coimbra; o poeta escreveu grande parte das peças que figuram nos *Primeiros Cantos*. As meliores deste volume, é verdade, foram escriptas no Maranhão nos mezes de 1815 a 1816 que o poeta alli passou.

Deste numero são as poesias — *Sous olhos e Adeos aos meus amigos do Maranhão*.

Fazemos aqui incidentalmente uma notação e é esta: de decennio em decennio a litteratura brasileira tem feito neste seculo um progresso que se tem assignalado pela publicação de um livro: — em 1836 os *Suspiros Poeticos* de Magalhães, em 1864 os *Primeiros Cantos* de Gonçalves Dias, em 1856 o *Guarany* de Alencar, em 1866 os *Cantos e Phantasia*

(1) Vide *A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna* pelo auctor, pag. 40 e seguintes.

stias de Varella, em 1876 o *Selvagem* de Couto de Magalhães e os *Ensaios de Sciencia* de Baptista Caetano. De 1876 em diante nada tenho a ponderar; porque esta historia deve ser fechada em 1877, data do fallecimento de José de Alencar.

A segunda phase da vida poetica de G. Dias é tambem de cinco annos, em rigor, vae de 1845 a 1850; pois que os *Ultimos Cantos*, publicados em 1851, já estavam promptos desde o anno anterior. Depois desta época o poeta quasi mais nada produziu. Não sei si teria influido para isto em qualquer grau e em qualquer sentido seu casamento effectuado em 1852.

Definamos mais directamente o talento deste mestiço.

Elle era antes e acima de tudo um poeta: tinha a vitalidade das sensações, a ideação prompta e mobil, a linguagem fluida, sonora e cadente, o espirito sonhador e contemplativo, a imaginação sempre prompta a desferir o vôo. Não era da raça daquelles que confundem a poesia, com a eloquencia, a musica d'alma, com os sons de um instrumento.

« Ha poetas, diz um grande critico, ha poetas para os quaes a poesia é um instrumento encantado, a rabeca de Paganini, ou um outro instrumento qualquer, mas, em summa, um instrumento de virtuosidade. Ha outros para quem a poesia é uma voz, uma linguagem, a expressão natural e espontanea d'alma. Victor Hugo é o maior d'entre os primeiros; Racine, André Chenier, Lamartine são da ultima familia. »

Gonçalves Dias é tambem d'esta derradeira familia. Entra bem n'esse grupo seleccionado por Scherer, auctor d'aquellas palavras.

Gonçalves Dias era sobretudo um poeta, já disse; falta ajuntar que na poesia era sobretudo um lyrico. Mas que vem a ser um lyrico? Podem-se dar vinte respostas a esta pergunta.

Eugenio Fromentin, o illustre pintor e critico quasi desconhecido dos escriptores fluminenses, assim define o genero fallando de Rubens

« Tout cela nous conduit à une définition plus complet et encore, à un mot qui je vais dire et qui dirait tout: Rubens est un *lyrique* et le plus lyrique de tous les peintres. Sa promptitude imaginative, l'intensité de son style, son rythme sonore et progressif, la portée de ce rythme, son trajet pour ainsi dire vertical, appelez tout cela du lyrisme, et vous ne serez pas loin de la vérité. » (2)

Para Fromentin são, pois, a promptidão da imaginação, a intensidade do estylo, seu rythmo sonoro e progressivo, a altura deste rythmo, que constituem a essencia do *lyrisme*.

Não é precisamente neste sentido que entendo a palavra e o facto que ella exprime, não é, pelo menos neste sentido que a applico a Gonçalves Dias. Elle tinha, por certo, imaginação agil, tinha brilho de estylo, tinha sonoridade de rythmo; porem não são essas as qualidades que mais o distinguem. Parece-me que a justeza do sentimento, a doçura das imagens, a delicadeza das tintas, a facilidade das idéas, a espontaneidade da forma, o vôo sereno de todas as forças mentaes, eram de preferencia seus predicados.

Tudo isto numa alma profundamente sincera.

SYLVIO ROMÉRO.

(Continúa.)

(2) *Les Maitres de Antrefois*, pag. 93.

EM CONFISSÃO

A FILINDAL

Aos pés do confessor a joven penitente,
De lagrimas banhada a face setinosa,
Contava cabisbaixa aa faltas cor de rosa,
Ao velho confessor, dizendo ingenuamente:

Meu padre, estava eu so, mamã audava ausente,
Eu lia no salão attenta e descuidosa,
Quando elle, o primo, entrou; ao vê-o receiosa
Tentei então fugir; mas elle velozmente

Prendeu-me num abraço e as faces me beijou
E ao peito muito tempo assim me conservou,
Dizendo estar por mim de muito amor perdido.

Que mais? — O confessor pergunta á peccadora;
Deu-me elle ainda um beijo e após se foi embora.
Pateta! — exclama o padre, a rir-se, distrahido

OLIVEIRA E SILVA.

MARTYRES

A RAYMUNDO SORREÁ

Rudes, eu vos comprehendo e amo, o'solitarios
Martyres. Preferiste ás pompas os calvarios
E á agonia do Horto ás Capuas' deliciosas
Tiveste por melhor os espiuhos que as rosas
E á vasta noite amaste a calua branca e fria
Em que a estrella sorri, que Jesus preferia
Para descer do seu lucido throno sauto
Ao travesseiro ardente e que regaste em pranto.
Eu vos posso entender gementes sobre a dura
Lage mortuaria, quando ardendo a mão segura
O piedoso Knout voa encrustava aos flancos.
Nevroticos fleis, magros martyres brancos.
Muito soffreste, muito apiedou-vos a terra
Criatura de Oeno em sanguinosa guerra
Eterna, o crime lei, o enthronizado vicio
No fastigio o perverso, o justo no flagicio.
Reinava ainda o fragor da bachanal radiosa
Ebria de vinbo e saugue e carne luxuriosa
Phryné rindo impudica o Messala contando
Amantes por legiões, o sangue avermelhando
Espadanova o Imperio, o padres, quando vieste
Trazendo a palma, a cr'oa e o cordeiro celeste
O latejo sagrado e as donzellas trementea
Os céus a descobrir pelas vertigens quentes
E partilhando o leito ao Amante extremo
De vulto multiforme e sempre alvo e formoso.
Uma aureola ideal e o perfume o tracia
Suspiro original que ao extase subia!
Era-vos, uoite, o sol, meigas Therezas pallidas,
A vós que aquella friez e a quellas mãos esqualidas
Escondieis no seio o virgem, que o profundo
Amor viste, o cairel, onde coubera um mundo.
E por isto ao mirar as lapides, sigillo
Do mysterio dolente, esse viver tranquillo
Me acode, e como, então, eu vos contemplo
E amo, joelbos em terra, o olhar na plaga infinda
Onde d'aza ao roçar cadenciosa tira
O bando angelical as musicas da lyra.

ALCIBIADES FURTADO.

A VIOLA

(Conclusão)

— Isso não se diz, homem!
— Basta, tu estás tirando o tempo da rega. Vai, Antonio, vai fazer o teu serviço.

Antonio lá se foi.

— Burro! Exclamou Gustavo baixinho, é o homem da viola e do dez réis.

— E o que tens com isso? Tu é que és muito ambicioso.

— Que alma pequenina deve ter eate colosso: é a montanha com um ratinho dentro. Com duas almas de cachorro faz-ae de sobra uma destas.

— Cala-te! Isso é que não se diz. Apesar de tudo, o Antonio mostra uma grande delicacção por ti. Quando ultimamente estiveste doente, elle não tocou viola; e, quem sabe, talvez esquecease a sua terra. E tu pagas esse grande affecto com o ratinho da ingraticão.

— Como o Antonio cahiu-te em graça!...

E' que eu amo as almas grandes, boas e puras.

— Que tocam viola e que não valem dez réis.

Luiza ergueu-ae, e seguiu para caea.

— Vem conversar mais a respeito da viola. E elle chamou-a com a mão.

A esposa voltou o rosto, e com os labios em riso, maa os dentes cerrados disse, batendo com os dedos indice e medio, feito um bico que come:

— Thesourinha...

Gustavo ergueu-se, correu atraz della, prendeu-a pela cintura, e sorriu.

Antonio parou, viu-os subir e exclamou:

— Como um gosta d. outro! são dois passarinhos do céu!

Paasaram tres dias sem noticias do Almeida, quatro, cinco, seis, uma semana.

— Vou a S. Paulo!...

— Elle não te mandou dizer que estava envolvido numa grande transacção?

— Não, não; ha qualquer novidade!

— Toma café primeiro.

— Não quero. Vou já sahir: hei de saber alguma cousa: talvez a familia saiba, e tenha recommendação de nada participar-me.

E Gustavo sahio num tanto deleixo e desalinho. Voltou dabi a bocca-lo:

— Fui á casa da familia: estão todos anciosos, esperavam-me para saber o que ha.

— Ainda não tiveste resposta dos telegrammas?

— Nada. Vou mandar um caixeiro... Oh! nem sei o que faça; estou desesperado.

— Acalma-te.

— Tive sonhoa horriveis esta noite! Elle julgava que os sonhos eram previsões, quando não provinham senão da excitação nervosa. E sahio outra vez. Eram seis horas quando voltou de novo, eabaforido, suado, os olhos injectados, as faces rubras.

— Tiveste noticias?...

— Pessimas.—E tirou uma carta da algibeira: « Gustavo, estou arruinado e desbonrado. Vem dar-me um abraço, vem animar-me. Resistirei á ruina; á infamia não resisto. Vem.» — O moço apertou a carta entre as mãos:

— Este diabo não me manda dizer o que é preciso que eu faça; entretanto elle sabe que eu ferei tudo por elle, tudo!...—E passeava pela sala pensativo, e tremia, e suffocava-se.

— De quanto será o seu prejuizo?
— Não vêes que elle não me manda dizer nada.

— Talvez possa ser muito grande.
— Já pensei assim; depois tambem que elle não o diz affirm de não prejudicar-me. Pelo sim, pelo não, retirei do banco os nove contos que lá tinha; e pegote que assignes este papel, para, sendo necessario, eu lhe entregar ao mesmo tempo esta casa.

— Tudo?
Luiza, lembra-te que esta casa, por assim dizer, foi elle quem nos deu; tu bem sabes como foi o negocio. Aqui tens o papel. Pelo teu amor, pelo amor de nossa filhinha, pelo amor de Deus, assigna.

Havia tanta expressão de padecimento e loucura na physionomia do moço, que Luiza, succumbida de compaixão e medo, e vendo que a recusa o fulminaria, pegou na penna e com mão tremula assignou.

— Tu o salvarás, descança.
— Tuas palavras sejam de um anjo.
— Agora vem comer alguma cousa.
— Não posso

— Gustavo, ntendo-me. Não almoçaste ainda; tens estes dias comido pouco; é quasi noite, e não queres nada? Não, não pôde ser; vou aquentar uns ovos e uma chicara de café.

— Espera.
— O que? E se tu adoeceres! Não censuro que tudo faças pelo amigo a quem tanto deves; porem debes lembrar tambem que tens uma esposa e uma filhinha.

— Luiza!
— Parece que tudo esqueces só para penssr nelle.

— Se mesmo de mim não me lembra!...

— Vás para S. Paulo e eu cá fico cheia de cuidados.

— Tranquilliza-te: vé que essa tua afflicção ainda augmenta mais o meu desespero—Gustavo, pondo a mão sobre o coração, num suspiro ancido proseguiu: Ah! o que seria de mim, ao saber que te amofinava, e que tu soffrias?...

— Então porque não queres alimentarte?

— Comi uns doces.
— Mentos!...

— Pois sim; vai aquentar os ovos. Vieram, beber-os.

Às seis horas foi o jantar. Gustavo comeu pouco, e para fazer a vontade por causa da insistencia da esposa. Depois entrou para o seu gabinete, foi escrever umas cartas, umas ordens; e afinal preparar a mala de viagem.

Antonio começou a tanger a sua querida viola. Luiza comprehendeu logo quanto aquillo incommodaria o marido mandou chamar o jardineiro e disse-lhe que não tocasse porque seu amo estava rebentando de dor de cabeça.

— Eu vou para o carramanchão do fundo da chacara; de lá não se ouve... A lua vai ussecer, e eu gosto muito de tocar com a lua. Não acha?

Antes dessa conversa já Gustavo tinha chamado Luiza duas vezes, e psrou, porque a viola tinha parado.

— Que queres?
— Chamei-te por causa da viola; mas emfim o diabo calou-se. Certamente tu o preveniste. Mas é taí a impressão que

me causa aquelle ruim instrumento, que ainda escuto um echo a retinir-nos na cabeça. Cousa celebre!

Finalmente, Gustavo partiu para São Paulo; esteve lá alguns dias; escrevia sempre á mulher, até que voltaram, elle e o amigo.

— Eram sete horas da noite mais ou meos.

Logo que entraram os dois, Almeida abraçou a Luiza.

E a moça sentiu o corpo do rapaz estrenecer pela revolução interna do pranto mudo.

— Agradeço a sua generosidade!...
— Aqui tens Luiza.—O marido apresentou-lhe o papel que ella tinha assignado.

— Então?
— Lancei mão dos nove contos que meu meu amigo levou-me. Não precisel.

— Agora vamos vér a tua noiva, que deve estar muito zangada contigo, disse Gustavo com disfarce.

— E ainda mais zangada vai ficar.

— Oh! porque?
— Não pretendo mais casar-me.

— Essa é boa!
— Tenho outros deveres a cumprir.

Daqui por diante preciso fazer nova vida: é preciso pagar as minhas dividas.

— As tuas dividas?
— E' verdade. Si é a ti que sou devedor, não é isso razão para esquecer-me do credor.

— Eu não sou credor. Respondeu o amigo, formalizado.

— E's, és; si bem que um credor generoso, comtudo que precis, pois tem mulher e filha.

— Si tu puderes, estou certo que me pagarás. Essa tua linguagem offende-me, Almeidinha.

— Eu já tenho te dito mil vezes: meu amigo é aquelle que quer o meu bem e zela o que é meu. Amigos que dem prejuizos não faltam no mundo.

— Sei, sei; mudemos de conversa.

Torna á tua vida alegre, que é como te quero vér, e vemos trabselhar. Em breve...

Nesse momento ouviu-se a viola.

Gustavo ergueu-se arrebatadamente, voltando-se para o lado da janelia.

— Que vás fazer?
— Este estúpido ainda não comprehendeu que eu aborreço a viola?

— Ainda não mudaste?
— Nem posso. Felizmente...—e parou.

— Continúa. Porque olhaste para mim? Vás despedil-o, porque já não podes ter um jardineiro.

— Então não diria felizmente. Vou despedil-o, sim, mas é por causa da viola.

— D. Luiza, diga ao Antonio que deixe a viola, sem despedil-o.

— Elle não a deixa: são dois amigos.

— O Gustavo não pode passar sem as suas rosas.

— Olá si posso: si honvesse um motivo para deixal-as, deixava-ss. São muito ingratas: duram pouco, e têm prazer em espinhar-me.

— Ha amigos assim prejudiciaes.

— Almeidinha, tu não me conheces; e isto é a maior desgraça que me poderis acontecer. Gustavo ergueu-se, Almeida tambem, e de repente abraçaram-se.

A conversa continuou por fim mais animada, houve alguns sorrisos.

Às onze horas o hospedado retirou-se: ia vér a familia.

Ao deitarem-se o marido aegredou á mulher:

— Não posso mais continuar com o jardineiro.

Luiza balançou a cabeça de cima para baixo.

— Hoje tenho sentimento de desprender-me delle.

— Bom coração!...

— Estava me lembrando de que numa occasião me disse que tinha comprado um bilhete de loteria e feito promessa á sua sautinha de que, si tirasse a sorte grande, mandal-a-ia toda a sua mãe.

— E' a sua unica ambição.

No dia seguinte os amigos sjuntaram-se: fallaram em novos negocios, reviven a esperauça. O jautar, em casa de Almeida, foi muito alegre, muito festejado.

— Agora vai visitar a tua noiva. E separari-se. Gustavo recolheu-se á noitinha: está conversando com a esposa no gabinete. Não acenderam a vela; sentaram-se um defronte do outro junto da janelia. A noite é linda, o horizonte illuminado. Vem de fóra uma aragem branda e agradavel, saturada de rosas e jasmins.

— Despediste o Antonio?
— Despedi.

— Já foi-se eubora?
— Ainda não.

— Vou dizer-lhe adens.

— E' escusado elle fica.

— Como?

Luiza não podia fallar.

— Que ha? Foi o Almeidinha?...

— Contei tudo ao Antonio. Eu fico, minha ama respondeu-me elle. Fiz-lhe vér outra vez que não lhe poderia pagar. Quem é que ha de tratar destas rosas, de que o amo tanto gosta? Eu tambem não posso vé-las morrer.

Depois abaixou a cabeça e continuou:— Sirvo de graça em quanto o amo não me puder pagar. — Olhei admirada para este ho: em rustico.—Mas tu precisas, Antonio. — Olhe, minha ama, disse elle sorrindo:

— Quem usseu para dez réis nunca chega a vintem.

— Outro amigo, santo Deus!
— A lua surgiu.

A viola cantou.

O gabinete encheu-se de luz prateada e melancolica.

Luiza, olhando para o céu, tinha no labios um sorriso parado, como os tem as estatuas de marmore.

Aquella grande luz e aquelle trinado fininho intimamente ligados formavam a idéa de um grande gigante que se lamenta.

Gustavo fincou os cotovellos na meza proxima, enfiou os dedos soltos pela basta cabelleira, amparou entre as palmas das mãos as fontes latejantes, e soluçava.

Quanto não seria amarga a adversidade sem estas alegrias intimas do lar?

J. DE MORAES E SILVA.

— Todo homem que goza saúde pode passar sem comer durante dois dias; sem poesia—nunca. A arts que satisfaz a necessidade a mais imperiosa, será sempre a mais honrada.

CH. BAUDELAIRE.

O BERÇO DELLA

Era um ninho mimoso entretecido em nuvens de escumilha cor do céu, e o fino vime estava revestido d'ondas de gaze em delicado véu.

Ao doce de esmbraia se enlaçavam os amplos cortinados de alvas rendas; laços, caireis e fitas adornavsu o lindo escrínio do tão lindae prendas.

Aquelle interior de leitozinho fóra enfeitado de garridas flores que o materno carinho lhe bordara.

Essa obra de amor perfeita e rara estava retocda de primores... E assim foi construido o seu bercinho.

BELCAR

« Não sei o que seja a vida de um tratante; conheço a de um homem honrado: é horrivel. »

DE DONALD

J. DIAS DA ROCHA

Evocando a dacta e circumstancias do nosso primeiro encontro, detenho-me diante de uma hora amarga de luta e situação tão intima e delicada que o mister de biographo não me faria ainda assim, mas por couza alguma do mundo, tocar sequer nesta pagina de minha vida.

Ha talvez inconveniente em biographar autores vivos.

Para consentir ao publico o intrometimento nas nossas intimidades faz-ae preciso um publico que não lhes fosse contemporaneo.

Destas pesquisas de detalhes intimos compõe-ae a biographia, da narrativa das argucias, das predilecções, dos habitos, das pequenas rapaziadas, dos segredos da vida privada.

Ora assim, não é uma biographia que faço, mas um pequeno ensaio, escorço, dem lhe o nome que melhor lhe quadre, um apanhado de traços sobre uma vida vista de relance.

I

Conheço o Dias da Rocha da mesma data que o Raymundo Corrêa, ha bastante tempo; iato ainda no Norte, lendo algures o nome dos meus amigos num jornal de provincia, annunciando-se o primeiro com uma traducção de Byron *A Noiva de Abydos* em versos soltos.

Não li o volume do Rocha, fiquei nos elogios do *Diario*

A Provincia é tão longe, vive-ae tão segregado destas cousas de litteratura e tão alheio ao que vaas pela Rua do Ouvidor..

Por essa epoca contava o poeta vinte annos.

Conheci-o de perto doia annos depois Leu-me um dia um soneto delle o

Eneas Galvão, *Sobre um coração de mulher*, o título era este ou outro semelhante ao qual coração oppozera o poeta o selo dautesco: *Lasciate ogni speranza.*

Ouvi; manifestei o meu juizo com a volubilidadade que me é natural.

Era inferior para as esperanças que dera motivos a alimentar a seu respeito.

Mas foi meu o engano.

Pouco depois, isto em 1832, eu cursava o segundo anno da Academia, matriculou-se o Dias da Rocha e quasi pelo mesmo tempo li o seu nome subcrevendo uma bella poesia ampla e vibrante de vitalidade:

— A morte do palhaço.

Era um drama real e pungente, a imprensa de S. Paulo applaudiu calorosamente.

A impressão que me deixaram esses versos foi a que tirei igualmente depois, lendo outros versos do poeta.

O Dias da Rocha não contava sentimentalidades, não se delectava com a sonoridade do verso sómente, tão pouco não preocupavam-n'o subtilidades bysantinas com que se atormentam « refinados » destruindo e reconstruindo estrophes com a bonhomia de um combinador de xadrez.

Longe d'isso; si alguma consa o seduziu sempre foi dar ao verso polido e sonoro a nota sincera que faz da poesia uma cousa suprema e digna de preço.

Homo sum: humani nil a me alienum puto — pensava com Terencio e como elle exprimia em alexandrinos esplendidos.

D'onde a sua preferencia decidida pelo Coppée, o mais sincero dos parnasianos.

No calendario cê-lhe o dia natalicio ao poeta das *Angustias* (as *Angustias* são uma parte do livro que o poeta pretende publicar) sob o 18 de Agosto.

Foi n'esse dia em 1863 que nasceu em Curytiba de D. Maria India da Rocha. Seu pai o Dr. Joaquim Dias da Rocha é estimadissimo na provincia onde ciliou, antes de se retirar para a Paratyba do Sul, onde fez dar as primeiras luzes ao joven Dias da Rocha, que se destinava á carreira militar.

Com effeito, em 1880 matricularam-n'o na Escola Central onde o seu comportamento, si não lhe valeu o habito de Aviz por falta de tempo, também não o comprometteu, como elle mesmo disse-me um dia, e não houve razão para contestal-o.

Talvez que de espada á cinta corresse aventuras como Camões, destas não lhe sobreveio dezar nem arranhaduras, talvez o Cupido o presidisse em companhia de Marte, mas si o beijaram Helenas, não se lhe imprimiu um gilvaz na passagem, nem mesmo no calcanhar, como a Achilles.

Ou porque com as mathematicas não quadrasse o seu talento de natural propenso ás letras, ou porque á disciplina não se affeiçoasse o seu temperamento nervoso e indole pouco marcial, certo é que em 1862 era o Dias da Rocha estudante de direito Romano e Natural, cursando as aulas da Academia, si não assiduamente, com muito proveito... para a litteratura.

Escreveu, então, bastante, sonetos primorosos, traducções e paraphrases de Shakespeare, de Beaudelaire creio que, também, de Heine.

O Dias da Rocha, o Wencesláu de Queiroz, o Vicente de Carvalho a o obscuro escriptor destas linhas eram os que na Academia se entregavam a estes jogos floræas.

Façamo-nos justiça, nunca erramos um alexandrino.

Na imprensa da Academia e no brilhante *Diario Mercantil*, que é o melhor jornal litterario do Brazil, esgrimiam os meus inspirados confrades sonetos a Bellan, madrigaes rescentes de galanteio cavalheiresco, pequenos desalentos em versos suavissimos...

Gaspar da Silva um dos nossos escriptores mais felizes tinha a rara habilidade de procurar estes diamantes discretos e mostral-os á luz da publicidade a que tinham direito pelo brilho candido, que elle, talvez, multiplicava, os volvendo e revolvendo entre as mãos, como bom conhecedor de joias que as quer fazer valer.

Talvez ao Rocha coubesse a palma destes certamens, ou porque começara primeiro, ou porque o talento poetico nelle estivesse em desabrochamento pleno, os seus versos eram de uma lapidação escrupulosa.

Isto era no meu 4º anno, em 1834, quando parti para o Recife, naquella retirada gloriosa que foi a nossa retirada dos dez mil, — sem Xenophonte, desgraçadamente.

Correu o tempo sobre isto: lutei, lidei com os estudos de direito civil e administrativo, com a má vontade da escola, com a leveza e anarchia da legislação do ensino que nos surprehendia com reformas: Formei-me em 1835. Passára um anno segregado inteiramente do movimento litterario de S. Paulo.

O que houve de então para cá?

Nada mais soube; nada mais, excepto isto: o Vicente publicára as *Ardenitas*. Nunca as li.

Dei-lhe os parabens mais tarde, um anno depois, em Santos, de passagem de minha comarca no sertão do Paraná.

Um dia, em Curytiba; o sol descera, havia nma hora, para os casaes da planicie, eu e um antigo companheiro de S. Paulo conversavamos sobre o alto de outeiro visinho, desfructando o bello panorama daquellas campinas esbatendo na meia tinta crepuscular.

— Que lastima! Affiançava-se que o Dias da Rocha tinha-se confessado improductivo para as letras.

Esterilidades, decepções, o que quer que fosse de doloroso para quantos o tinbamos adorado, forçara-o a uma retirada, fanara dentro de sua alma prodiga de ternura a florescencia dourada das illuzões.

Eu achava-me tal qual.

Valia a pena começar, ensaiar de novo, quando elle descorçoava?

E alanceado por desgostos silenciosos, por pequenas decepções, ás quaes meu temperamento nervoso exaggerava a feição, confessava-me a mim que não valia a pena este se maltratar da idéa, e que elle tinha feito bem.

Horas de desalento bem felizmente passaes...

Talvez como o Aldo de Sand eu me repetisse:

« Trabalhar!... cantar!... fazer versos! divertir o publico, dar-lhe o meu cerebro em livro, o coração por teclado, para que o toque á vontade e o repulse depois de havel-o esgotado: — Eis um máu livro, um pessimo instrumento... »

Eu, que, como o bohemio romantico, sentia o tedio e o desgosto amargo que deixa a recordação dos dias inuteis, bem o sabia, não se evita assim uma fatalidade de temperamento, ha de ser eterno factor de versos o quo nasceu em tal momento astroso em que « a acção dos mais altos centros da intelligencia, a cogitação, fóra sacrificada em proveito da emoção », por uma deficiencia de organização.

Um anno se passou: um dia, na rua do Ouvidor, o encontro e com o meu melhor amigo, o Raul Pompeia.

Aquella alma que eu pensei gelada, porque assim me haviam feito crér, estremecia, cantava; punha esperanças no futuro.

— Agora, é que vou começar disse-me, com os olhos cheios de aspiração luminosos de prazer, como si a luz que tivessem dentro fosse já o reflexo duma aurora distante, a da gloria chimerica que sonhamos nos melhores dias.

Os leitores d'*A Semana* viram por aquella paraphrase do *Cantico dos canticos* como lucravamos todos com a volta do seu peregrino talento.

Dou-me os parabens por ser o primeiro a annuncial-o.

Bem haja o poeta.

ALCIBIADES FURTADO.

DE VOLTA

A ALUIZIO AZEVEDO

*Ah! vejo-te outra vez! Encontra-te a meu lado,
Amado e puro ser!
E ao vêr-te já não penso
No immenso padecer.*

*No entanto, si lutei! O orvalho do desgosto
Meu rosto alfofarou;
As trevas de repente
Na mente projectou.*

*E estivo a fraquejar, mas logo o teu semblante
No instante appareceu:
Ergui-me combatido,
Rendido ao riso teu.*

*Mais uma vez então, criança estremecida,
A vida me vens dar,
Pois tudo esqueço logo
Ao fogo desse olhar...*

*E quem me vê seguir por entre os mais—austero
Severo no labor,
Deixando por deveres
Prazeres, gozo, amor;*

*Mal sabe quão feliz caminha o solitário
Que ao vario triumphar
Prefere ser obscuro,
Seguro de te amar.*

*Por isso é que hoje sinto um jubiloso carme
Dictar-me o coração
E um delirar infando
Toldando-me a razão.*

*E' que termina a lucta e encontro-te a meu lado,
Amado e puro ser!
E ao vêr-te já não penso
No immenso padecer.*

J. RICHTER.

THIS IS LOVE

Estava principessa o baile da Viscondessa.

Nos salões artistica e deslumbrantemente decorados e esclarecidos, um mundo de damas elegantes exhibiam as caprichosas *toilettes* da Guimarães e os coruscantes adereços do Farani, espargiudo em torno de si ondas de perfumes, de graças, de sorrisos.

Os cavalheiros encastoados na classica casaca ou no já trivial *croisé*, procuravam attrahir as bellas por suas maneiras, por seu espirito — ás vezes *manqué* —, ou pelas veneras que lhes prendiam da lapela.

A orchestra dirigida por habil professor executava as mais delirantes phantasias; e o, serviço feito sob os auspícios de um mestre culinario do Castellões, não podia ser melhor.

Era o anniversario do Visconde, que, sentado a uma meza de jogo, sorria com ar protector aos que lhe eram apresentados, ou indicava um logar aos deputados e conselheiros, que transpunham a porta da saleta.

A Viscondessa, como uma borboleta por entre as flores dum jardim, adejava nos seus salões, cumprimentando uns, ouvindo outros e sorrindo a todos.

O brilho dos salões casava com o luxo e a alegria dos convidados, mas como até entre as estrellas ha sempre uma mais scintillante, no meio das mais formosas e elegantes damas, que honravam o baile da Viscondessa, uma devia também destacar-se.

Lyly Rivero, por sua formosura, por sua graça, sua elegancia e seu desembaraço foi a que conseguiu captar a attenção de toda a sociedade.

Seus olhos percorrendo o salão de lado a lado, sempre encontravam todos os outros fitos sobre elles e já a maioria dos mais distinctos cavalheiros tinha solicitado a honra de dansar com ella alguma peça.

Entretanto, no correr da festa, Lyly não pôde esquivar-se de notar que, apezar de sua belleza, de seus ademanos e da graça invejavel com que dançava e sorria, um moço sempre encostado ao parapeito duma janella, volvia os olhos para todos os lados, conversava com os que delle se aproximavam mostrando com os olhos algumas das outras moças e nem sequer parecia nella reparar.

Por um desses phenomenos, que a modo das nevroses, não so sabem explicar, tal facto causou-lhe viva impressão e aproveitou-se da oportunidade que lhe offerecia uma walsa para provocar a attenção do moço.

Com effeito, no momento em que passou com seu par por junto da janella Lyly, levantando um pouco a voz, disse:

— Este moço parece-me que não sabe dançar.

Debalde, porém, esperou que elle a olhasse. Voluntaria ou inconscientemente o mancebo nem sequer destacou os olhos do ponto que fitava.

Saturada de despeito, Lyly mordeu os labios e proseguiu na walsa.

Um acontecimento, porém, breve a veiu surprehender. Após a walsa, a orchestra tocou segunda walsa e o moço que tanto a impressionara, foi tirar uma das damas que mais singellamente trajavam e, com ella walsou tão bem, que fez soltar aos que o viram um entusiastico bravo.

Instantes depois a Viscondessa foi procural-o, e após passear um pouco com elle, disse-lhe, no momento em que passavam diante de Lyly :

— Dr. Enardo, como sei que o senhor canta divinamente, espero que me dará o prazer de ouvi-lo.

O moço, após algumas palavras, por meio das quaes procurou esquivar-se, foi sentar-se ao piano e com voz de arrebatado hurras, cantou :

Plus je te vois, plus je t'aime ! etc.

Ao terminar a aria, Lyly foi também passear com uma de suas amigas e, ao passar por junto do moço, disse :

— E' pena que este moço, que tem tão boa voz, cantasse uma peça tão antiga.

O Dr. mostrou ainda não ter ouvido, mas o bom physionomista descobria em seu rosto algumas contrações, características dos sentimentos que o doniuavam.

Lyly não as notou e, como era chegada a occasião de revelar o seu talento ao canto e fazer-se applaudida, foi com sua amiga tomar logar ao piano.

Quando, porém, concluiu sua *romanza-La notte signora*, reconheceu que o doutor não se achava no salão e ao envez de alegrar-se com o cortejo de palmas com que foi saudada, mostrou-se contrariada.

— Este moço, pensou ella, amará alguma moça e por tal motivo não quer admirar nenhuma outra? Terá medo de ser amado? Alimentará alguma paixão não correspondida? Porque me não ouvia elle? Onde se foi esconder?... Entretanto, quando comecei a cantar elle ainda estava na sala, portanto retirou-se propositalmente. Hei de verificar... Ah! eil-o que vem da saleta de jogo. A viscondessa foi com certeza pedir-lhe que cantasse novamente.

Com effeito, Enardo voltou ao salão, dando o braço á viscondessa, de quem logo separou-se para ir sentar-se ao piano.

Então com expressão e graça difficeis de imitar cantou uma interessante peça de bspanhola *Has tenido amor, fuermosa dama* que fez prorromper em palmas toda a sala.

Lyly não pôde por mais tempo suportar que esse moço, que soubera também captar a admiração de toda a sociedade, não se curvasse perante ella, que já se achava enfadada das lisonjas de todos os outros cavalheiros. Sem mais demora procurou a viscondessa, e disse-lhe que, tendo notado, que o Dr. Enardo não a cantava bem, mas era excellente par, nutria o desejo do walsar com elle, mas já não tinha esperança de vêr realizado o seu desejo, por isso que acreditava não ter esse moço mais intenção de dançar.

Quando a orchestra iniciou outra walsa a viscondessa, dando o braço a Lyly, aproximou-se de Enardo e disse-lhe :

— Dr. Enardo, estou com grande desejo de vê-lo walsar com esta minha amiga, pois ella sendo o primeiro par desta sala, com o doutor, que é de boa escola, hade arrebatá nos de entusiasmo.

Enardo, contrahiú as feições, mas não respondeu e dando o braço a Lyly, lançou-se na walsa.

Após trocarem palavras puramente cortezes, Lyly travou com elle o seguinte dialogo :

— O doutor é um pouco taciturno?

— Não, minha senhora, sou apenas indifferente.

— Parece-me que esse aentimento não é proprio dos moços...

— Entretanto é o mais commum...

— Então também o amor lhe é indifferente?

— O amor para uns é palavra sem significação, na opinião doutros é a manifestação do egoismo...

— De que numero é o doutor?

— Sou do numero dos que pensão que o amor das mulheres só exprime curiosidade ou egoismo.

— Então não acredita que o possam amar sincera e desinteressadamente?

— Seria preciso que a pessoa, que a moça que me tivesse affeição, me convencesse, que não nutria um sentimento pura criação de sua vaidade, de seu egoismo ou de sua curiosidade.

— Hade concordar que isto é muito prosaico.

A' proporção que fallava, Lyly mais se lhe aconchegava, seu collo arfava violentamente e seus olhos desprendiam scintillas. Entretanto Enardo mostrava-se frio.

— Não é possivel que este moço me resista... Não heide soffrer isso, pensava Lyly. Depois continuando o dialogo.

— Não acredito que com seu modo de pensar possa fazer a felicidade de alguma moça.

— Por que, minha senhora?

Elia ia responder, mas findara neste momento a walsa. Então limitou-se a dizer :

— Quer acompanhar-me ao jardim?

Um movimento de alegria, que Lyly pôde reconhecer, manifestou-se sobre a physionomia do moço, mas elle procurando ainda disfarçar respondeu :

— E' uma imprudencia. V. Exa. pôde constipar-se.

— Mas isso lhe é indifferente...

Ah! sim, já vejo qual é a razão; o Dr. não quer constipar-se. Contudo vamos primeiro a copa, lá o Senhor tomará cognac, que lhe evitará a acção prejudicial duma temperatura inferior. Eu que sou menos delicada não tenho receio.

Enardo mordeu os labios e acompanhou-a. Na copa ella deixou o braço de Enardo e rapidamente tomou um calice, encheu-o de cognac e apresentou-o ao moço, dizendo-lhe :

— Tome Doutor? não quero que por minha causa se constipe.

— Si V. Exa. não tivesse tido tanto trabalho, lhe garanto que nada tomaria, mas, como alem de tudo é V. Exa. que me offerece...

Agora, disse Lyly, consigo. Em seguida respondendo ao Doutor :

— Neste caso não tome, porque a minha pessoa lhe deve ser tambem indifferente.

Enardo virou o calice e ia responder-lhe, mas ella não lhe deu tempo e apoiando-se de novo ao braço do moço disse-lhe :

— Agora podemos ir ao jardim.

Ahi chegados, continuou o dialogo.

— O Doutor fallou-me ainda ha pouco em egoismo, e entretanto hade concordar que dentre nós o que tem mais claramente provado ser egoista, é o Senhor.

— Minha senhora?!

— O Doutor é um perfeito artista... Dou-lhe os meus parabens...

Desempenhou perfeitamente o seu papel.

— Não perceho o que quer dizer, minha senhora.

— Pois é bem simples e não acredito que um moço tão talentoso como o

Doutor, não comprehenda o que digo... Não fallo chinês.

Diga antes que está folgando de ter realizado o que almejava.

— Mas...

— O Doutor quiz me humilhar; quiz que eu chegasse até sua pessoa, descedendo todos os degraus da escada que nos separava... Está realizado o seu voto.

— Minha senhora...

— Não tendo querido dançar comigo e nem sequer olhar-me, lançava com mão de mestre a setta que devia ferir-me. Fascinou-me, prendeu-me e forçou-me a pedir á Viscondessa que me fizesse dançar comsigo.

Depois lança-me em face que o amor das mulheres é uma phantasia, um instrumento de vaidade ou egoismo.

— Perdão, minha senhora, quando a vi, fui tambem emhragado pelo *haschich* do amor, que iriava de sua angelica pessoa; mas comprehendi igualmente que era de um espirito mais culto e portanto mais difficil de ser conquistada por um galanteador vulgar. Confesso-me rendido.

Um mez após o baile da Viscondessa, Lyly era esposa do Dr. Enardo.

ASWELDO MOJAT.

« Si eu tivesse o coração tão pobre como o espirito, seria feliz. »

PASCAL.

Um homem sério

A GONZAGA DUQUE ESTRADA

Deve ter pelo menos uns cincoenta. O passo é grave, meditado, sério! Dirieis que elle está num cemiterio. A gravidade nelle em cheio assenta.

Será doente, infeliz? Fundo mysterio! Mas o rosto nem rugas apresenta, E um cabello branco em vão intenta A gente lobrigar-lhe. O' ser funereo!

Com um chapéo de chuba todo e anno, Immeuso cartolão, horrido cano! Sempre enforcado num casso preto!

Nunca foi moço o pobre desgraçado! Um dia jámais teve apaixonado, Uma flor cultivou, fez um soneto!

GUIL. MAR.

AO CAHIR DA TARDE

NOCTURNO

Era ao cahir da tarde quando elle e ella,—braços entrelaçados e passos vagarosos,—desciam lentamente a larga escadaria do jardim.

Na orla do horizonte, — purpureada ainda pelos verdadeiros raios do sol,—ascendia placidamente a lua; do jardim

exhalava-se nos ares o perfume das flores que as brizas espalhavam no espaço; e ao longe,—no fundo do parque,—de sob os laranjeas floridos, o sabiá modulava umas canções de poetica melancolia.

Quanta esperanza, quanta illusão, quanta poesia, oh! tardes melancolicas!...

E elles sentavam-se no jardim, sob os jasmineiros em flôr, respirando o aroma das plantas e a calma poesia do crepusculo.

E ella, erguendo os olhos languidos e formosos para o astro da noite :

— Que o teu amor, oh! adorado esposo de minha alma, nunca se pareça com a lua; que seja firme e constante sem nunca mudar de pbases...

E a viração da noite que cabia espalhava sobre elles uma chuva de petalas adorantes, e lá ao longe, no fundo do parque, sob a sombra porfumada das laranjeiras, o sabiá cantava umas enleixas de melancolico encanto...

E elle, — alquebrada a voz pela commoção e os olhos humidos de ternura.

— Oh! adorada de minha alma... oh! branca pomba de amor!... no meu peito teubo um ninho tépido para afaçar-te... O meu amor será forte e immorredouro; sentil-o-ás eternamente cercando-te de afagos e caricias, como eternamente o mar murmurando amorosas queixas em torno a uma ilha florida, e osculando-lhe as limpidas praías com os apaixonados beijos das ondas acariciadoras...

E ella suspirava phrases de um encanto indizivel...

— Oh! falla!... falla mais!... falla ainda!... arrebatá-me!...

E a sua voz — terna e melodiosa, — tremia, tremia de commoção, e a sua frente gentil pendia para traz, como uma magnolia cujo baste a viração inclina.

E elle amparava-a nos braços amorosos para que o tronco delicado não ras-tejasse no chão, e, amparando-a, inclinava-se para ella e seus labios tocavam-se...

E então... e então... vibru nos ares uma estranha melodia; o luar espargiu mais claridade; as flores exbalaram mais delicados perfumes; as brizas susurraram mais languorosamente, e — ao longe — as enleixas do sabiá tinham mais encantos e poesia...

Quarenta annos mais, e era ao cahir da tarde, quando elle e ella desciam vagarosamente a larga escadaria do jardim.

Mas, ah!... O luar já não tinha a poetica languidez de outrora; no jardim as brizas não suspiravam mais a melodiosa serenata das tardes de outro tempo; os jasmineiros em flôr não exbalavam mais aquelles inebriantes perfumes do passado; e — ao longe, — no fundo do parque, de sob os laranjeas floridos, o sabiá cantava, cantava... mas as suas enleixas não tinham mais a doce e eternecedora melancolia de outras éras!...

S. JUNIOR.

MORTA

Marmorea pallidez lbe cobre as faces
Em que se abriam rosas purpúrias;
No doce olhar daa chamas peregrinas
Nem restam já irradiações fúnebres.

No labius que encantado paraíso
Promettiam, na voz, na meiga fala,
Qual vibração de uma harpa que se cala,
Ficou-lbe em meio um magico sorriso.

E dorme fria / Em regelados ninhos
Dormem tambem ns nitidos pombinhos
Que arrularam de amor sob o vestido.

E de tanta belleza e mocidade
Vai agora restar uma saudade;
Depois um nome, e indifference, o olvido...

CARLOS LUIZ.

Chorar o que está morto é menos penivel
que chorar um ser vivo que perdemos
para sempre,

B. AUERBACH.

Diversas Publicações

TRAÇOS E ILLUMINURAS, por Julia Lopes.—1887.—Lisboa.—E' um bellissimo livro composto de vinte e quatro contos, que sem exaggeração, nem favor á talentosa autora, se podem considerar vinte e quatro perolas engastadas no diadema que cinge a fronte da rainha que surge, não dos contos das fadas, mas dos contos do sentimento e da verdade que brotam suavemente do coração e do cerebro humano.

A Exma. Sra. D. Julia Lopes já um nome justamente admirado e applaudido por seus trabalhos literarios publicados em gazetas desta Corte e da provincia de S. Paulo.

A ella e a sua não menos talentosa irmã, a Exma. Sra. D. Adelina Lopes Vieira, devemos a preciosa collecção de *Contos infantis*, em verso e prosa, destinados ás nossas escolas primarias, e que tantos gabos mereceram da imprensa do Brazil e de Portugal.

Torna-se difficil affirmar, entre tantos predicados que recommendam os *Traços e Illuminuras* ao acolhimento publico, qual delles mais nos encanta e maior admiração nos desperta pela joven escriptora: si a belleza e a naturalidade do estylo; a correção da linguagem; a verdade e o colorido das narrações; a vida e a animação das scenas descriptas nessas 263 paginas, cuja leitura deixa o espirito tomado do mesmo enthusiasmo com que se observam os quadros commemerativos dos grandes lances da vida humana.

Felicitando a autora, felicitamos a litteratura nacional pela riquissima joia que acaba de adquirir para o seu patrimonio.

Os BONS MENINOS.—*Conselhos e historietas para a infancia*, por Marcos Valente.—Laemmert & C.—Rio de Janeiro.

E' uma publicação interessante e que preenche perfeitamente os seus intuitos pedagogicos. Nem outra cousa fóra de esperar de um livro cujo autor reúne aos predicados de poeta a capacidade profissional do pedagogista.

A correção dos versos, a acertada escolha dos assumptos, a perfeição das estampas, esmeradamente coloridas, a nitidez da impressão, tudo, enfim, que se pôde exigir das publicações deste genero, tudo ahi está para affirmar a excellencia do livro de Marcos Valente.

O TAMAKOARÉ.—*Especies novas da ordem das ternstroemiaceas*, por J. Barbosa Rodrigues, director do Museu Botanico do Amazonas.—Manaus.—1887.—Diz o autor que apelos constantes e repetidos pedidos de informações que de varias partes do Imperio e mesmo do estrangeiro, receberam, foi forçado a publicar, neste primeiro fasciculo, as observações do estudo sobre o *Tamakoaré*, que presume esclarecerá as diversas questões sobre as quaes se deseja a sua opinião.

FUNDO ACTUAL DE EMANCIPAÇÃO E SUA APPLIÇÃO. Consolidação de todas as leis, decretos, regulamentos e avisos sobre tal assumpto, desde 1871 até 1887, pelo Juiz de Direito Dr. João Coelho Gomes Ribeiro.—Curitiba.—1887.

A' par dos mencionados actos, encontram-se nesta publicação inappas demonstrativos, modelos de relações e, em appendice, a integra da nova lei n. 3270 de 23 de Setembro de 1885 e seus regulamentos, assim como as disposições sobre arbitramento de escravos.

A simples indicação do conteúdo do livro basta para assignalar as suas vantagens e os serviços que elle poderá prestar, especialmente aos homens do fóro.

REVISTA MENSAL de litteratura, sciencias e artes, publicada na cidade de Thierzina, capital da provincia do Piauhly, sob a redacção dos Srs. Leonidas e Sá e Nascimento Filho.

O presente fasciculo, correspondente ao mez de Outubro ultimo, consta de: *Estudos anthropologicos*, por Cleodualdo Freitas; *Conto Chinês*, por Leonidas e Sá; *Movimento litterario*, por L. S.; *Historia do mez de Setembro*, por Socrates, além de varias poesias.

REVISTA MARANHENSE, publicação mensal litteraria e scientifica.—1º Trimestre. N. 2.—Dá-nos a lér, além de bons versos, os seguintes trabalhos em prosa: *Siphonia elastica*, por J. Tavares; *Nova intuição sobre a lei do trabalho*, por Pacifico Cunha; *Egoismo e philosophia*, por Aragão Neves; *A visita do medico*, conto por C. Castro; *Breves reflexões sobre a condigão da mulher*, por Joseph Ribellieu.

REVISTA DA FAMILIA ACADEMICA, sob a redacção dos Srs. Athayde Junior, Serlylio Gonçalves, Benjanim L. Barroso, Candido Marianno e El mundo de Barros.—Anno I.—N. 1.

A nova Revista da esperançosa mocidade da Escola Militar annuncia-se

sucedanea legitima, o prolongamento necessario da *Phenix Litteraria e Club Academico*.

Eis o summario: Da redacção. Theoria da eliminacção.—A flor do carcere (*poesia*).—H. Spencer e o evolucionismo.—Abinício Vita (*poesia*).—Unas palavras sobre a concepção mechanica.—Lições de arithmetica.—Metralhadoras.—Livros.—Chronica. Fazemos sinceros votos para que a collega prolongue os seus dias durante alguns pares de annos. E nós que o vejamos.

REVISTA DE ENGENHARIA.—Publicação quinzenal sob a direcção do engenheiro civil José Americo dos Santos.—Anno IX.—N. 172.

Contém os seguintes trabalhos: *Industria*—A questão acaucareira, por Henri Raffard. *Meteorologia*.—Observações em Sant'Anna do Sobradinho.—*Varietades*.—*Actos officiaes*.—*Noticiario*.

O BRAZIL-MEDICO.—Revista semanal de medicina e cirurgia, da qual é redactor-gerente o Sr. Dr. Azevedo Sodré.—Anno I.—N. 41.—O numero recebido consta de artigos distribuidos pelas 4 seguintes secções:—*Trabalhos originaes*;—*Sociedade de medicina e cirurgia*; *Revista medica estrangeira*; *Noticiario*.

JORNAL DOS ECONOMISTAS.—Revista quinzenal, sob a redacção e propriedade do Sr. Silva Figueiró.—Anno II. N. 20.

Eis o summario do numero publicado

O orçamento geral do Imperio—Compra da Estrada de Cantagallo—Restricção á Industria Nacional—Organização do trabalho e da propriedade—Estatistica—Como nos julgam atrazados: A questão social—Arthur Ferreira Vianna—Immigração para a provincia do Espirito Santo—A industria do alcool na França.

THESE apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e perante ella sustentada pelo Dr. João Baptista da Motta d'Azevedo Corrêa, que dissertou sobre o — *Estudo e classificacção medico-legal dos ferimentos e outras offensas phisicas, particularmente applicados á nossa legislação*.

REVISTA ILLUSTRADA.—Anno 12.—N. 470.—Que bello quadro nos deu ella com — *O dia de finados no cemiterio politico*!

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Solicitador—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fóra.

Augusto Luzo.—incumbê-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Imperial Fabrica de Corveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. Andre Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidacções amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estacção do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provicia de S. Paulo.

O cobrador Beruardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diaataae pancreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Weuceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvares matinaes, poesiaa de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introduccção do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume : 2\$000.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubertt Irmãos & Haas.—Juiz de Fóra.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Typ. d' a Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).